

Índice

1. História de tudo	15
2. Morrer e nascer em Lisboa	67
3. Fidel	99
4. É o dia em que se enlouquece aquele em que se ressuscita?	185

Abro o manuscrito e leio. São raras as semanas em que escrevo. O encontro com o meu livro inconcluso é o tempo que me resta com o meu pai. Releio o que escrevi, mudo um ponto, acrescento uma vírgula, corrijo uma gralha, converso com Joaquim. Acarinho a ilusão de que, enquanto o escrever, Joaquim não morreu. Os anos passam. A vida após a sua morte torna-se irreconhecível. Visito cidades. Emigro. Não tenho uma sepultura onde visitá-lo. Os pontos e as vírgulas são as minhas flores. O livro continua, anda mais devagar do que um caracol sobre um túmulo. Agarro-me ao seu livro em aberto, porque só assim Joaquim permanece em aberto. Se escrevesse sobre aquilo que concluiu em vida, daria o meu pai por terminado. Conforta-me a inconclusão do seu livro porque ela indicia a inconclusão do autor. Quanto mais tempo deixo o meu livro — este — em aberto, mais tempo tenho perto de Joaquim. Não tenho feito senão inventar a minha vida. Invento, agora, a minha herança. E depois vou percebendo, ainda mais devagar, que Joaquim e o livro jamais terminarão. Vou percebendo que o objecto do meu estudo é o vazio, que o meu pai me deixou com as mãos cheias de nada.

1. História de tudo

No momento em que morreu, Joaquim escrevia um livro que nunca me mostrou. Meu pai, meu estranho. Ouvi falar da sua obra inacabada desde criança. Onde guardar a dança da mão direita do escritor, enquanto projectou o romance, toda a vida adulta, o pontilhado de gestos abortados, os rascunhos-fantasma, tentativas, planos, ou seriam sonhos, a energia despendida, o fogo de que irradiavam ideias que jamais viram a luz? O que restou foi o vazio. Mas talvez o vazio seja um lugar — *uma cidade* — repleto de avenidas.

Algures, o livro sobreviverá, aberto, como sobrevivem as nossas ideias, anseios, as nossas mistificações, literatura desconhecida — minha tradição. Ninguém leu o livro que dizia escrever. O escritor morreu, e levou-o. Não é possível que a morte do meu pai tenha matado o livro, que era a própria vida. O sonho dessa obra foi a herança que me deixou. Como parar de sonhá-lo, se jamais o li? Imagino a biblioteca dos livros por escrever. Estão aí títulos só imaginados, as personagens que não abriram os olhos (o que serão?), enredos desfiados, cenários de cartolina, esboços de parágrafos, países sem fronteiras, cidades de uma rua. Para onde vão os projectos nunca concluídos? A vida que continuam — para onde se dissipa?

Joaquim vive. Acordou a meio da noite, bebeu água e escreve à mesa. O começo tortura-o. É tão vasto o que quer dizer, que não é capaz de começar. *Como se começa?* Conheço a antecâmara dos livros, antes de serem linhas na página. Os livros ainda descampa-

do, livros quando não há ninguém. Faz um silêncio que gela e eis que, do nada, um raio traz à ideia alguma coisa, uma visão, um som, uma palavra. Insinua-se como perfumes sobre a pele, passado muito, sombras na parede de uma sala, cidades onde vivemos e não vamos há anos, a cara de alguém que amamos, mas não costumamos ver. No princípio, as caras antigas habitam-me e querem falar-me. Vejo o meu pai no começo da sua vida e desaguo no breu. Nada sabe sobre as linhas que se seguem, acabou de nascer, como eu não sei sobre o que tenho adiante. Então, exaspera-se, esfrega os olhos, pensa voltar à cama, mas, num repente, calça-se, põe a trela no cão e sai com ele para a rua.

A igreja coberta de cacimba. Corre um vento húmido, o céu acobreado anuncia trovoada. O homem sente-se cansado e esperto, ao mesmo tempo, assim como o cão, ainda ensonado, mas disposto a segui-lo até ao limite da cidade. Não se vê viva alma. Só a panificadora solta no ar o cheiro do pão amassado de noite pelos padeiros. Encaminha-se devagar para o jardim, seguido pelo cão. Na cabeça, leva o começo. Porque há-de um livro começar no começo da história e não no seu termo? Sob os carvalhos, o homem senta-se no banco de jardim e solta o cão. O animal pula, abana-se para se aquecer, já desperto. Fareja os cantos, investiga os canteiros. O homem olha-o e tira os óculos para o ver melhor. O cão parece estar à procura da lebre do começo que o homem procura caçar.

Quando depositamos a nossa esperança num projecto e não o cumprimos, talvez o projecto, a ideia, conserve a nossa esperança. Nesse caso, a ideia do livro prevalece sobre o livro e a energia contida na ideia prevalece sobre a morte do autor. Um pouco do espírito do meu pai terá ficado no projecto do seu livro, de que me sinto hoje herdeira. Herdeira de quê? Tudo o que me restou de Joaquim, à sua morte, foi uma pasta com meia dúzia de objectos: a pasta sem valor, e a memória indocumentada do seu projecto gorado. Mas é na medida em que sou herdeira do vazio que o posso preencher como quiser. Sou herdeira dos lugares onde a minha imaginação me levar, de mundos e fundos criados só por mim para o meu pai, o que é o mesmo que admitir duramente, que o luto pelo meu pai, e a sua herança, é um luto pela (minha) imaginação, é a herança do meu reflexo.

O projecto incompleto do meu pai tem uma duração que a sua vida humana está necessariamente impedida de ter. O espírito do meu pai, insatisfeito e inconsumado, permaneceu na ideia do livro e assim desafiou a morte e adquiriu a sua perenidade. O tempo do mundo é alheio ao tempo das ideias que deixamos a meio. O mundo continua, mas as ideias não continuam. O livro de Joaquim paira no ar, sem título, enquanto os anos passam, mas não está morto. Queria contar a sua vida contando a história de África contando a sua vida contando tudo. Era uma história de tudo. Um livro nunca é um livro. O livro de Joaquim era outra vida.

Escrevo, olho as minhas mãos. Elas vivem uma vida parecida com a que o meu pai sonhou viver. Viverei o seu sonho, pelo menos em parte, consumerei um dom que costumam dizer que herdei dele, se é que herdei, se é que o tenho, pratico a minha herança, esperando cumprir Joaquim. Mas é a um estranho que me dirijo, esse estrangeiro que é o meu pai depois de morto, falante de uma língua que não ouço e cuja gestualidade não sou capaz de decifrar. Muito além do luto, sou movida pelo desejo de entender o vagabundo, louco arquitecto, sereno peregrino diante de mim. Mas não sei como fazer de mim a casa onde lhe dar guarida. Morto o meu pai, não sei como merecer recebê-lo, por mais que o invoque, nem onde guardar a promessa de energia do seu projecto de escrita desbaratado.

Os historiadores da arte usam a expressão *non finito* para designar obras inacabadas, interrompidas, por exemplo, pela morte dos seus criadores. Outras são assim designadas porque foram feitas pelos artistas de modo a parecer inacabadas. A algumas obras falta o corpo, a roupa, mãos. Ou estão em rascunho ou apenas incompletas. Noutras, vemos o corpo — mas falta a cara.

